

A A.I.T. DE BERLIM. DE 1922 À REVOLUÇÃO ESPANHOLA.

Rudolf De Jong

Estou muito feliz hoje por ter a possibilidade de falar da A.I.T. de Berlim, a Associação Internacional dos Trabalhadores.¹ Meu pai, Albert De Jong (1891-1970), desempenhou um papel ativo na A.I.T. Como antimilitarista e como representante da organização anarco-sindicalista holandesa, esteve presente em todos os congressos da A.I.T. no período entre as Grandes Guerras — à exceção do congresso de fundação da organização —, e participou com frequência das conferências da Internacional. Hoje são 29 de abril, dia do nascimento de meu pai.

Para impedir-vos de identificar-me com meu pai aintimperialista, começarei meu discurso por palavras ferozmente imperialistas e anexionistas. Pediram-me para falar aqui da A.I.T. de Berlim, de 1922 à Revolução espanhola. Todavia, irei muito mais longe no tempo. Começarei em 1913, e também falarei da A.I.T. e da guerra da Espanha.

Na literatura libertária, a A.I.T. de Berlim é geralmente considerada como uma alternativa à Internacional vermelha de Moscou (Komintern, Profintern) e à Internacional reformista de Amsterdã; a resposta do sindicalismo revolucionário e libertário ao bolchevismo e à social-democracia. É verdade, mas não é inteiramente verdadeiro. A A.I.T. também foi a continuação de várias tentativas de organizar o sindicalismo revolucionário no plano internacional. Assim, começo meu estudo em 1913 — seguindo o exemplo do historiador Wayne Thorpe que escreveu um importante estudo sobre a fundação da A.I.T.²

O congresso de 1913

Em 1913, realiza-se em Londres o primeiro congresso internacional sindicalista revolucionário. Organizações de doze países, englobando aproxima-

damente 250.000 operários, estavam representadas, entre outras, as organizações nacionais da Argentina (F.O.R.A.), dos Holanda (N.A.S.), da Suécia (S.A.C.) e dos sindicatos da França, da Espanha e da Alemanha. Todavia, falou-se, e sem razão, de *Hamlet* sem o príncipe da Dinamarca porque a C.G.T. da França — a organização mais importante do sindicalismo revolucionário, porém membro da Internacional dos sindicatos reformistas — não estava representada nacionalmente (embora sindicatos de ofícios da C.G.T. estivessem presentes em Londres).

Assim, o objetivo principal dos organizadores do congresso — uma declaração de princípios, um bureau internacional — não foi realizado. Todavia, conseguiu-se criar um centro de correspondência e publicar uma declaração comum. O mais importante, talvez, foram os contatos pessoais entre militantes dos diversos países. Encontramos os nomes de alguns desses militantes na história da A.I.T.; por exemplo, o russo Alexandre Schapiro, o alemão Fritz Kater, Albert Jensen da Suécia e Bernard Lansink Jr. da Holanda. Menciono ainda Christiaan Cornelissen, fundador do N.A.S. na Holanda mas, desde há muito, militante da C.G.T. francesa e principal motor da organização do congresso.

Londres foi um começo. A continuação da luta pela organização internacional foi impedida pelos acontecimentos internacionais: a guerra de 1914-1918 e as revoluções de fevereiro e de outubro de 1917 na Rússia.

O nascimento da A.I.T.

A revolução de Outubro de Lenin e de seu partido comunista foi saudada pelos libertários e pelos sindicalistas com sentimentos mesclados: era uma "revolução" com aspectos positivos e negativos.

Os aspectos negativos do ponto de vista da ideologia libertária: o bolchevismo, com seu centralismo e sua concepção da ditadura do proletariado guiada pelo partido, que representava a ala direita do marxismo; a tomada do poder de Lenin por um golpe de Estado na revolução.

Os aspectos positivos: os bolcheviques não eram reformistas, mas revolucionários na grande tradição revolucionária da Rússia. A revolução russa, iniciada em fevereiro com a queda do czarismo, era considerada como uma grande revolução social. E com razão.

Em seguida, as informações sobre os acontecimentos da Rússia eram pobres, sobretudo por se estar longe de Moscou. Além do mais, os sindicatos revolucio-



O congresso de Londres de 1913.

nários eram organizações minoritárias em luta permanente contra os sindicatos reformistas e de tendência social-democrata, majoritários. Os militantes revolucionários tinham pouca confiança nos marxistas no poder na Rússia.

Assim, na Alemanha e na Suécia, os libertários logo compreenderam o que se passava em Moscou sob Lenin. No Brasil, ao contrário, o entusiasmo pela revolução bolchevique — considerada como "maximalista" — era tão grande entre os libertários que ele mudaram o nome de sua organização para Partido Comunista, embora conservando o antigo programa libertário.

Na Rússia, os bolcheviques compreenderam muito rápido a importância dos laços internacionais. A Internacional comunista — o Komintern —, nascida em 1919, também se abriu aos sindicatos. Lenin, sobretudo, deu-se conta da importância do sindicalismo revolucionário como força revolucionária. Com efeito, na onda revolucionária do pós-guerra, o sindicalismo organizado havia atraído muitos operários.

Desse modo, as organizações sindicalistas foram convidadas para o II Congresso do Komintern, em 1920, convites aceitos pela maioria das organizações. Separada do Komintern, mas bem orquestrada por Moscou, os comunistas criaram, um ano mais tarde, uma nova internacional sindicalista: o Profintern.

A presença de sindicalistas libertários em Moscou durante o II Congresso do Komintern abriu o caminho para a A.I.T. De início, pelos contatos entre esses sindicalistas e os libertários russos que estavam confrontados às realidades da ditadura do Partido Comunista, como a perseguição aos anarquistas russos. Muitos camaradas russos já estavam na prisão, e vários deles em greve de fome durante o congresso. Alarmados, os libertários estrangeiros, delegados no congresso, exigiram a libertação dos prisioneiros. Graças às suas iniciativas junto a Lenin, o regime expulsou os prisioneiros anarquistas.

Não foi apenas em Moscou que os libertários encontraram-se. Berlim logo se tornará o centro de aglutinação. Após 1918, sindicalistas revolucionários de diferentes países restabeleceram contatos fora do Komintern. Houve várias conferências internacionais na Alemanha, e organizou-se um Bureau de informações sindicalistas. Indo e vindo de Moscou, sindicalistas passaram pela capital alemã. Os libertários russos, expulsos pela ditadura e exilados, instalaram-se em Berlim e influenciaram seus camaradas.

Os sindicalistas ocidentais prepararam durante as conferências uma resposta comum a Moscou e ao convite para aderir ao Profintern. Malgrado a presença de um representante de Moscou, a maioria das organizações sindicalistas compreendeu a impossibilidade de manter os princípios do sindicalismo — o federalismo, a autonomia, a ação direta, a recusa de aceitar a dominação de um partido ou de um centro político — no Profintern, dominado pelo partido comunista russo. E, assim, os sindicalistas libertários chegaram à conclusão de que lhes era preciso fundar sua própria internacional anarco-sindicalista.

A decisão final foi tomada durante o congresso de fundação da A.I.T. realizado em Berlim (dezembro de 1922-janeiro de 1923). Treze países são representados em um total de 1.500.000 membros (esse número é uma estimativa). Em 1923, contam-se três internacionais sindicais no mundo: Amsterdã (os reformistas da social-democracia), Moscou e Berlim.

A A.I.T. será a menor, e a existência de três centros provocará cisões em vários países. A C.G.T. francesa permanece entre os reformistas. Minorias encontram o caminho para Moscou (C.G.T.U.) ou para Berlim (C.G.T.-S.R.). Quando



1922. O grupo dos congressistas de Berlim. Da esquerda para a direita: Ritter e Schuster (Alemanha), Borghi (Itália), Lindstam (Suécia), van Zelm e Dissel. Sentados: Orlando (Argentina), Souhy (Alemanha), Schapiro (Rússia), Rocker (Alemanha), Giovannetti (Itália), Lansink Jr. (Holanda). Em primeiro plano: Severin (Suécia), D'Andrea (Itália), Abad de Santillán (Argentina).

de um referendo, a maioria dos membros do velho N.A.S. da Holanda — importante motor do congresso de 1913 — pronuncia-se em favor de Moscou; uma minoria abandona o N.A.S. e torna-se uma seção da A.I.T. (o N.S.V.).

O nome da A.I.T. é o nome da famosa Primeira Internacional, a de Marx e Bakunin, e nessa A.I.T. tomou como divisa a fórmula do começo dos "considerandos" dos estatutos da Primeira Internacional: "A emancipação dos trabalhadores será a obra dos próprios trabalhadores." A fundação da A.I.T. não é a obra de um único homem. No entanto, é útil mencionar um nome, o de Rudolf Rocker. O anarco-sindicalista alemão Rudolf Rocker foi durante duas décadas a alma do movimento libertário yiddish em Londres, organizador, redator, orador, educador. Interno durante a guerra de 1914-1918 e expulso da Inglaterra, torna-se em Berlim o inspirador da organização anarco-sindicalista alemã, a F.A.U.D., e da A.I.T.

Malgrado sua força limitada, a A.I.T. era — e permaneceu até hoje — a única real organização internacional na história do movimento libertário. Uma organização com uma declaração de princípios e estatutos, com uma

estrutura. Uma internacional com seções nacionais formadas por sindicatos de fato. Uma internacional viva.

Não vou contar aqui a história da A.I.T. dia após dia, com seus congressos etc. Falarei de quatro aspectos da Associação Internacional e terminarei com algumas observações sobre as relações entre a A.I.T. e a C.N.T. espanhola durante a guerra civil. Os quatro aspectos são: a organização, a ideologia, os problemas e dificuldades internas e as dificuldades causadas pelos desenvolvimentos exteriores.

A organização da A.I.T.

Como já disse, a A.I.T. era uma organização viva. A Internacional realizou regularmente, e conforme aos estatutos, seus congressos e plenárias internacionais, com relações morais do secretariado internacional³ e relações das seções nacionais, com discursos, relatórios e discussões sobre os problemas atuais e sobre a luta anarco-sindicalista. Discute-se, por exemplo, o fascismo, a racionalização na indústria, a concentração capitalista na economia, o desemprego e a jornada de trabalho de seis horas.

Há um bureau internacional e um secretariado internacional com uma correspondência regular e um serviço de imprensa em várias línguas.⁴ Há regularmente uma troca de informações e contatos pessoais entre militantes dos diferentes países. A sede do secretariado permaneceu em Berlim até a tomada do poder por Hitler em 1933,⁵ de 1933 a 1935, e foi transferida para Madri e, depois, para Barcelona, em seguida para Paris e, a partir de setembro de 1938, para Estocolmo. Foi em Berlim, sobretudo, que o secretariado internacional funcionou verdadeiramente. Na Espanha, havia inúmeros problemas com a seção nacional.

Um primeiro congresso de uma Federação Internacional da construção civil realizou-se em Lyon, em novembro de 1936, mas não encontrei informações sobre as atividades dessa federação. Em Montevidéu foi fundado em 1929 um ramo da A.I.T. na América Latina, a Asociación Continental Americana de los Trabajadores. Essa A.C.A.T. publicou várias brochuras, mas a repressão nos países da América Latina prejudicou suas atividades.⁶

A solidariedade com os libertários e os outros revolucionários perseguidos foi importante, por exemplo, graças ao Fundo de auxílio aos revolucionários russos, por uma agitação na imprensa e com a ajuda de brochuras.⁷

Na Holanda, no movimento libertário, o antimilitarismo e o anticolonialismo foram sempre de grande importância. Um bureau internacional antimilitarista foi criado em Haia em 1921, durante o congresso internacional antimilitarista. O bureau, desde o início, esteve estreitamente ligado aos anarco-sindicalistas e à A.I.T.. Esse bureau organizou uma comissão internacional antimilitarista (1926) com seu próprio serviço de imprensa, no qual encontravam-se muitas informações relativas à luta contra a guerra e às perseguições dos camaradas.

A A.I.T. interveio várias vezes nos conflitos internos das seções. Com sucesso, na Holanda, em 1928-1929, ou fora da seção oficial, o N.S.V., uma outra organização anarco-sindicalista, apresentava-se no congresso da A.I.T. de 1928. Com menos sucesso na Argentina, onde havia lutas internas encarnizadas nos anos 1920, e na Espanha, onde, durante a ditadura de Primo de Rivera, produziu-se um conflito entre a C.N.T. e a família Urales (Montseny) editora de *La Revista Blanca*. Nesses conflitos, a A.I.T. sempre desempenhou um papel de mediador e tentou reconciliar as partes.

Menciono ainda um outro aspecto importante da existência da organização internacional, a A.I.T. como força moral para os militantes anarco-sindicalistas; sobretudo nos países em que a organização anarco-sindicalista era bem minoritária ou golpeada duramente pela repressão. O mito da A.I.T. ajudou esses militantes a continuar uma luta difícil.

Não levo em consideração o fato de que minha exposição sobre a organização é um pouco radiosa; e voltarei depois sobre as partes obscuras da A.I.T. Mas falemos antes da ideologia.

A ideologia da A.I.T.

Na declaração de princípios da A.I.T. não se encontra a palavra "anarco-sindicalista", nem a palavra "anarquismo".⁸ No entanto, se compararmos o sindicalismo de antes de 1914 com as concepções da A.I.T., podemos falar de um desenvolvimento do sindicalismo revolucionário para o anarco-sindicalismo. A diferença?

Na famosa Carta de Amiens — texto fundamental da C.G.T., adotado pela organização no congresso de 1906 —, encontramos duas vezes o termo "fora". A C.G.T. tem a intenção de organizar todos os operários *fora* de suas concepções políticas. Aos operários, membros de um partido político, pedir-se-á para lutarem

por suas opiniões políticas *fora* dos sindicatos. O sindicalismo não se mostra explicitamente contra a política, mas pensa, implicitamente, que a política deve permanecer *fora* dos sindicatos. O sindicalismo não se basta a si mesmo. Na prática, é a condenação do parlamentarismo e do Estado como instrumentos de luta.

A A.I.T. e o anarco-sindicalismo condenam mais explicitamente a política, quer dizer, os partidos políticos socialistas e comunistas, o parlamentarismo e a idéia da conquista do Estado e do poder. A política já não está apenas *fora*; a política é o inimigo.

A ação direta, a luta econômica serão o único caminho rumo ao socialismo e à sociedade livre. As únicas armas dos operários serão as armas econômicas e as armas ideológico-culturais.

As armas econômicas e sociais: a greve, a solidariedade, o boicote, a sabotagem, a greve geral; quer dizer, armas propostas já antes de 1914.

As armas culturais também datam de antes de 1914, mas se tornaram mais importantes. O anarco-sindicalismo é o sindicalismo tornado mais consciente e mais estreitamente ligado ao anarquismo. Na imprensa das seções da A.I.T., encontra-se, ao lado da luta social, a luta pelas idéias, a propaganda ideológica, a formação cultural. Um bom exemplo é a revista *Die Internationale*, publicada pela F.A.U.D., bem como o *Suplemento de La Protesta*.

Enfim, deve-se compreender que a frase: "A emancipação dos trabalhadores [...] eles próprios" já é a base da ideologia. Isso quer dizer que, na luta de classes, é a prática mais que a teoria que conta. E a prática e as circunstâncias de luta são diferentes em cada país.

Dificuldades e problemas internos

Nas seções da A.I.T., os operários manuais estão presentes em cada nível da organização; da base até o comitê nacional. No plano internacional, os "intelectuais" — organizadores, propagandistas, publicistas e oradores — dominam nos congressos e, sobretudo, no secretariado internacional. Isso se explica. Entre os trabalhadores da fábrica e do campo, o conhecimento das línguas estrangeiras não é muito comum, e seu tempo livre é bastante limitado.

Entre as seções, existem diferenças consideráveis. Na Suécia, na Holanda, na Alemanha e em outros países, o anarco-sindicalismo foi sempre uma minoria consciente, confrontada a uma maioria reformista. Uma minoria ativa,

mas com possibilidades limitadas para a luta social. Deve-se, antes de tudo, conduzir os operários a um espírito libertário. Nos países onde as seções eram autênticos movimentos populares, forças sociais bem implantadas na massa dos operários — Espanha, Argentina e Itália antes do fascismo —, "os próprios trabalhadores", é a prática da luta. Assim, a luta está estreitamente ligada à criação de um mundo libertário.

A situação legal, e também o modo de agir, dependem do regime político do país. Em um Estado com uma democracia parlamentar, a organização desenvolve-se na legalidade, mesmo quando se está confrontado a perseguições jurídicas. Sob uma ditadura, a repressão é mais forte, a organização proibida deve trabalhar na clandestinidade. E em um Estado totalitário, o movimento está ameaçado de destruição total pelo extermínio de seus militantes.

Há também as diferenças na mentalidade e nas tradições cultural e revolucionária, diferenças entre os países do norte e os países do sul etc.

A Itália e, em um certo grau, a Alemanha, tiveram um proletariado verdadeiramente revolucionário após 1918; a Espanha, após a proclamação da República em 1931. Entretanto, durante a República espanhola, reina o derrotismo entre todos os trabalhadores dos outros países atingidos pelo fascismo e pela crise econômica. Em vários países do norte, mas igualmente na França, há diferenças e, inclusive, hostilidade entre anarco-sindicalismo e outras tendências libertárias. Na Espanha, a C.N.T. está estreitamente ligada à organização anarquista F.A.I., e com um mundo cultural libertário formado por periódicos e publicações numerosas, pelas escolas libertárias etc. A luta de tendências é aqui, sobretudo, uma luta no interior da C.N.T. quanto à estratégia etc.*

O antimilitarismo tradicional na Holanda, e a influência do movimento de não-cooperação de Gandhi, conduziram os anarco-sindicalistas holandeses à idéia de não-violência na luta revolucionária. Mas essa idéia encontra pouca ressonância nas outras seções da A.I.T., habituadas a um certo grau de violência inevitável em suas experiências e concepções revolucionárias.

As dificuldades externas

A história da A.I.T. é a história de uma guerra de retirada. A luta libertária é uma luta contra a correnteza, contra todas as correntezas. Os Estados tornam-se cada vez mais poderosos. As empresas industriais cada vez maiores. O capitalismo torna-se cada vez mais internacional. O operário perde cada

vez mais sua independência. O militarismo permanece forte, o nacionalismo torna-se fortíssimo.

Pode-se falar de uma "nacionalização da sociedade".¹⁰ Isso quer dizer que a vida social e econômica, política e cultural vai desenrolar-se cada vez mais em um plano nacional; ela abandona o plano local. Os trabalhadores não se confrontam mais com o capitalista no local de trabalho, mas em uma oficina afastada. As condições do trabalho não são mais negociadas nas empresas, mas em nível nacional, com o apoio dos políticos e das leis sociais. A cultura não se desenvolve mais no bairro e na comuna, mas no plano nacional, por meio do rádio e do cinema. A política nacional domina a política local.

A ação direta torna-se ilusória quando já não há laços e contatos diretos. Eis uma revolução social que se desenvolve quase em silêncio na sociedade. É difícil dar-se conta desse desenrolar. Na A.I.T., bem se viu alguns sinais desse tipo, mas não se sublinhou muito bem as conseqüências para a ação direta, para a luta sindical e para as perspectivas libertárias.

Não é surpreendente. A A.I.T. estava confrontada a coisas mais visíveis, a atração do reformismo e do bolchevismo. Um conformismo reinava em toda parte. A crise econômica mundial dos anos 1930, com o desemprego atingindo milhões de operários. As forças da A.I.T. diminuem. A F.A.U.D. alemã contava 120.000 membros por volta de 1920; no início de 1933 caiu para 9.000. E, enfim, o pior: a ascensão do fascismo.

Já no congresso de 1925, em Amsterdã, discute-se um relatório do italiano Armando Borghi sobre a luta contra o fascismo e os problemas de uma luta comum com as outras forças antifascistas.

Várias vezes a A.I.T. propôs às outras duas internacionais sindicais para organizar um boicote comum. Contra a ocupação do Ruhr, na Alemanha, pelo exército francês em 1923; contra a execução de Sacco e Vanzetti em 1927; contra os nazistas e o rearmamento da Alemanha em 1933 e contra os países fascistas e sua intervenção na Espanha em 1937. Todas as vezes ela recebeu uma reação negativa ou nenhuma resposta. A proposição de 1937 era bem elaborada. A idéia era — assim como em 1933 — golpear o militarismo e a indústria de armas sem tocar na população.

No "Relatório sobre a atividade da A.I.T., 1933-1935" do secretariado da Internacional, lê-se: "A A.I.T. encontrou-se cada vez mais atingida pela onda fascista." O relatório menciona os seguintes países: Itália, Portugal, Argentina e América Latina em geral, Polônia, Bulgária, Alemanha. Poder-se-á ainda

acrescentar a Rússia a essa lista dos países fascistas se utilizarmos a expressão "fascismo vermelho" para caracterizar o regime bolchevique.

Os outros movimentos operários, a social-democracia e o comunismo, eles também, eram naturalmente golpeados pelo fascismo. A resposta da social-democracia foi a defesa da democracia abandonando a pretensão revolucionária do socialismo. Para os comunistas, a resposta era a defesa da União Soviética e da Frente Popular e, no fundo, também se tratava da retirada revolucionária.

Ante o fascismo, a A.I.T. e suas seções mantêm a concepção socialista, tendo por divisa: "Contra o fascismo: a revolução social". É exatamente o que se passa na Espanha em 19 de julho de 1936.

A A.I.T. e a Revolução espanhola

Durante o verão de 1936 realiza-se na Espanha o grande sonho dos anarco-sindicalistas e dos libertários do mundo inteiro. A emancipação dos trabalhadores por eles próprios em uma revolução social profunda.

A Espanha é a esperança, logo transformada em tragédia. A revolução perde-se na guerra civil contra os franquistas e na política de colaboração com o governo. Durante e depois da guerra civil, militantes e historiadores escreveram uma autêntica biblioteca sobre o papel e a política da C.N.T. e sobre as outras organizações libertárias. E as discussões continuam. Aqui, só falo das relações entre A.I.T. e C.N.T.

Como já vimos, as forças da A.I.T. e de suas seções haviam consideravelmente diminuído quando a guerra civil eclodiu na Espanha; suas possibilidades eram limitadas, embora houvesse tentado fazer o melhor possível.

De início, houve a solidariedade e a ajuda. Nas milícias antifascistas encontram-se bastantes combatentes libertários. Muitos deles são refugiados políticos italianos e alemães, outros vêm da França e de diferentes países. Outros militantes libertários são ativos nas organizações espanholas. Para os camaradas espanhóis, as seções organizaram em seus respectivos países a ajuda em dinheiro, em roupas etc. Em seguida, há a informação e a propaganda. De tempos em tempos, tem-se a sensação de que a imprensa das seções da A.I.T. só fala da Espanha. Encontram-se reportagens importantes sobre as coletivizações e as posições da C.N.T. A imprensa libertária é ainda hoje uma rica fonte, e não suficientemente utilizada pela história da Revolução espa-

nhola. Sem contar o projeto do boicote já mencionado, a A.I.T. tomou duas outras iniciativas em 1936: o projeto de comprar armas e o de descolonização do Marrocos espanhol, na esperança de quebrar a lealdade dos soldados marroquinos do exército de Franco.

Pierre Besnard, secretário-geral da A.I.T. visita Madri com uma delegação da C.N.T. para discutir as proposições da A.I.T. com o chefe do governo, o socialista Largo Caballero, mas sem qualquer resultado.

Quando a guerra desenvolve-se, graves querelas abalam as seções da A.I.T. Na imprensa das seções (e também na imprensa libertária fora da A.I.T.), observa-se uma crítica crescente da política da C.N.T. e da F.A.I. (a organização especificista anarquista). Sem romper a solidariedade com os companheiros espanhóis e suas organizações, critica-se a colaboração com suas concessões e o sacrifício das conquistas revolucionárias e libertárias; critica-se a ingenuidade da C.N.T. e da F.A.I. ante os comunistas totalitários. E essa crítica provoca uma irritação crescente na C.N.T. Os ataques dos espanhóis dirigem-se sobretudo contra a C.G.T.-S.R. e o secretariado da A.I.T.

Os espanhóis suspeitaram em demasia dos camaradas da A.I.T. Esses camaradas, por sua vez, suspeitaram demasiado da C.N.T. A crise é, sobretudo, uma crise no coração de cada militante.

As plenárias e os congressos da A.I.T. de 1936, 1937 e 1938 são consagrados quase inteiramente à "questão espanhola". No fundo, a C.N.T. pede à A.I.T. e às suas seções para aceitarem sem reservas sua política. No congresso de 1938, os espanhóis vêm com uma proposição para mudar os estatutos, dando à C.N.T. mais votos nos congressos do que as outras seções, por serem menores, e com a vontade de despojar do direito de voto as seções no exílio. Por outro lado, a A.I.T. não é capaz de fornecer uma alternativa real à "questão espanhola". Decide-se — resolução do congresso extraordinário de dezembro de 1937 — "deixar toda a liberdade à C.N.T. para prosseguir, em seu plano e sob sua responsabilidade, a experiência em curso".¹¹

Antes de 1936, os congressos da A.I.T. realizavam-se em uma atmosfera de camaradagem, estimulante para todos os participantes. Durante a guerra da Espanha, tudo muda. A desconfiança, e, inclusive, a hostilidade e a política começam a reinar. Analisa-se muito pouco a causa fundamental e já mencionada: a revolução espanhola eclode e desenvolve-se no momento em que o proletariado mundial perdeu o espírito de revolta e não mais se mobiliza para combater o fascismo mundial. Eis a tragédia profunda da A.I.T.

Com a derrota da Revolução espanhola também termina — na minha opinião — a história da A.I.T. de Berlim como organização viva. A internacional ainda existe conforme sabemos, mas a organização perdeu o espírito da A.I.T. de 1922. Infelizmente, a A.I.T. tornou-se um instrumento político nas mãos de certas seções, com o dogmatismo e a intolerância em vez das discussões, com expulsões ao invés de tentativas de reconciliação. O próprio Rocker já pensava, após 1945, que a A.I.T. agora pertencia à História e que se deveria renovar a idéia e a luta libertárias. Infelizmente, a A.I.T. busca seu futuro em seu próprio passado. Todavia, o que nós precisamos é de um "Outro Futuro".